

**FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA
OTAVIO AUGUSTO FERNANDES BISERRA**

**“GALERIA DO ROCK”: PONTO DE ENCONTRO DA CONTRA
CULTURA PAULISTA DE VÁRIAS GERAÇÕES.**

**CAMPO LIMPO PAULISTA
2010**

**FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA
OTAVIO AUGUSTO FERNANDES BISERRA**

**“GALERIA DO ROCK”: PONTO DE ENCONTRO DA CONTRA
CULTURA PAULISTA DE VÁRIAS GERAÇÕES.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da
Faculdade Campo Limpo Paulista como
requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em História.**

Orientador: Prof. Dr. Murilo Leal P. Neto

Campo Limpo Paulista

2010

“Realize o seu próprio sonho. Você mesmo vai ter de fazer isso... eu não posso acordar você. Você é quem pode se acordar.”

**John Lennon
(1940 – 1980)**

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso para a Faculdade Campo Limpo Paulista, no curso de Licenciatura em História, com o tema: “Por que a “Galeria do Rock” é o ponto de encontro da contra cultura paulista de várias gerações?” visa mostrar as ramificações históricas desse edifício paulista, bem como sua influencia no modo de vida de jovens e adultos desde sua criação, como apenas mais um ponto de vendas de artigos diversos, até hoje, como um dos mais famosos centros de vendas de produtos segmentados do mundo, traçando um paralelo com a própria história do rock paulista.

Palavras chave: Galeria do Rock ; Contra cultura, patrimônio cultural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1- UMA BREVE HISTÓRIA.....	7
1.1 Os anos 70 e o início da transformação.....	9
1.2 Os anos 80, momentos difíceis.....	10
1.3 Os anos 90 e a retomada.....	12
2 - A GALERIA HOJE E SUA IMPORTANCIA CULTURAL.....	13
2.1 O que é ser contra cultura hoje.....	14
2.2 O porquê da boa vizinhança na galeria.....	16
3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
Bibliografia.....	19

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende mostrar a criação e os primórdios do edifício “Grandes Galerias”, hoje conhecido por “Galeria do Rock”, local histórico do centro velho da cidade de São Paulo. Pretende principalmente mostrar sua influência nos jovens paulistas voltados aos movimentos musicais alternativos, por ser um importante centro de compra de roupas, discos, objetos de decoração e afins, e também por contar com salões de cabeleireiros e de arte corporal (tatuagens e piercings).

Iremos ver a história da “Grandes Galerias” desde sua inauguração em 1963, inicialmente concebido como um centro de comércio diversificado, com lojas, salões de beleza, serigrafia e prestadores de serviços, passando pelo início da cultura punk em São Paulo nos anos 70, até seus momentos mais difíceis nos anos 80 e sua retomada nos anos 90, levando o leitor a refletir sobre esse patrimônio histórico da cidade de São Paulo, que atrai jovens de todo o País e tem projeção internacional.

Os porquês de esses corredores abrigarem jovens de todas as “tribos urbanas” será o mote desse estudo, o porquê deles conviverem em harmonia nesse local, esquecendo diferenças sociais, étnicas e culturais.

A “Galeria do Rock” não só é um lugar importante para várias gerações de amantes da música, como também foi palco importante da transformação da musicalidade jovem.

Assim, a galeria torna-se histórico interessante, dado seu caráter de patrimônio histórico da cidade de São Paulo, tombado pelo Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico).

Não podendo esquecer também que a galeria esteve em voga na mídia atual pela primeira vez, pois foi focada na novela “Tempo Modernos” da Rede Globo, tendo finalmente alcançado a projeção de grande centro cultural e comercial que lhe é de direito.

Visa-se a análise e a interpretação dos acontecimentos, levando a uma leitura leve, mas compreensiva dos fatos e idéias mostrados.

1 – UMA BREVE HISTÓRIA

Para entender os primórdios da Galeria do Rock, é preciso se remeter à década de 60 e saber que o centro era bem diferente do que vemos hoje. A região central era totalmente influenciada pela cultura européia. São Paulo ainda era tida como a cidade da garoa, a confecção e o comércio de roupas eram feitos por alfaiates e ruas como Direita e Barão de Itapetininga, assim como a Avenida São João e entorno concentravam praticamente tudo em matéria de comércio e serviços. Até a década de 1960 o centro de São Paulo era o espaço de referência em torno do qual a cidade se organizava. Desempenhou também o papel de núcleo de cultura e berço da história da cidade, e oferecia oportunidades de trabalho e de moradia.

. Para atender à demanda de consumo de bens desse novo centro, o governo começou a autorizar a construção de prédios com galerias, na área central entre o Teatro Municipal e a Praça da República, para que os alfaiates e comerciantes em geral pudessem se instalar no centro de São Paulo com mais conforto. O Edifício Grandes Galerias foi inaugurado em 1963, idealizado com base em uma forte referência arquitetônica paulistana. O arquiteto Alfredo Mathias, que também é responsável por idealizar o Shopping Iguatemi (o primeiro Shopping Center do Brasil), o Palácio Anchieta, que hoje abriga a Câmara de Vereadores da capital, e o Portal do Morumbi, entre outros, emprestou de Oscar Niemeyer, o celebre idealizador de Brasília, o gosto pelas linhas curvas e se baseou no Copan (edifício construído na década de 50 em São Paulo com projeto de Oscar Niemeyer com colaboração de Carlos Alberto Cerqueira Lemos, que se destaca por sua grandiosidade e formato sinuoso) para elaborar o projeto da galeria como um centro comercial diversificado, com lojas, salões de beleza e de serigrafia, lanchonetes e prestadores de serviço que consertavam de aparelhos de rádio e som a aparelhos de TV.

Em seu ensaio para o “Gramado site” a historiadora Marília Daros relembra essa época:

No verão de 1964 conheci o SHOPPING CENTER GRANDES GALERIAS, numa viagem inesquecível, aos 17 anos, em companhia de minha querida prima Nara Regina, porto-alegrense da gema, mas de raízes gramadenses, e meus tios de gratas saudades, Emir e Nolide Accorsi. Viajamos, por incrível que possa parecer hoje, os quatro, num FUSCA, “apertados como sardinha em lata”, pois tem que contar a bagagem anexa de quatro pessoas adultas, sendo três, mulheres. A GALERIA tinha apenas um ano, talvez menos, alguns meses apenas. Mas já era parada obrigatória instalada entre a Rua 24 de Maio e a Avenida São João, no centro de São Paulo.¹

Esse panorama se mantém até o fim dos anos 60, o comércio do centro, então voltado à alta sociedade, intensifica sua migração para outras partes da cidade, principalmente nas regiões mais ao sul, São Paulo já dava sinais de que era uma grande metrópole e a divisão das atividades de cada região da cidade começava a dar à capital algumas das características que ela teria até hoje. Bom Retiro e Brás consolidaram-se como localidades industriais, ao passo que mais para a zona sudoeste, como Paulista e Jardim América, concentraram-se as residências das classes mais abastadas. Essa “escolha” foi baseada em fatores bem concretos: era uma região que estava bem longe de um dos problemas mais comuns na cidade daquela época: as enchentes. Além disso, o grande adensamento e movimento de pessoas na região central acabou incentivando a saída de muitos comerciantes mais sofisticados para as regiões onde estavam seus consumidores. Somando-se a isso estavam os novos investimentos em cultura, como teatros e cinemas que passaram e ter novos endereços: Avenida Paulista e Brigadeiro Faria Lima. De modo geral, o centro ficou mais disponível para pequenos comerciantes e o comércio popular ocupou a maioria da região.

¹ DAROS, Marília. Galeria do Rock: Adesão para preservação histórica de São Paulo. Rio Grande do Sul. 2010. Em matéria ao site “Gramado Site” disponível em <http://gramadosite.com.br/cultura/historia/mariliadaros/id:24995>, acesso em 10, maio, 2010

1.1 - Os anos 70 e o início da transformação.

Foi nos anos 70 que ocorreram mudanças mais significativas: muitos comerciantes, empresários e profissionais liberais começaram a migrar do Centro para a Avenida Paulista e Jardins, e foi nesse momento que o Centro começou a ser esquecido, tomando ares de alternativo. Novos centros financeiros começaram a surgir e até mesmo o governo do Estado de São Paulo decidiu abandonar a região e transferir sua sede para o "Palácio dos Bandeirantes" no bairro do Morumbi (Zona Sudoeste). Produziu-se um processo de esvaziamento e degradação da região, sendo que as principais conseqüências foram: o aumento das taxas de delinqüência, economia informal, atos de vandalismo, falta de inversão privada em novos imóveis, depredação do patrimônio histórico, e especulação imobiliária.

Também durante o regime militar, o governo de São Paulo instaurou a política de "urbanização" do centro, entendida simplesmente como execução de grandes obras de engenharia para incrementar a rede viária

Sobre esse período, o autor Heitor Frugoli Jr. diz em seu livro "São Paulo: Espaços Públicos e interações sociais":

Outra decorrência da modernização foi a criação na metrópole, de novos centros urbanos, cujo dinamismo começa a superar em alguns aspectos, o centro tradicional. Este, por sua vez, desdobrou-se em dois núcleos, o Centro Principal e o Centro Paulista, o segundo abrangendo a região da Avenida Paulista.²

É nessa atmosfera, no final da década de 70, que o Edifício Grandes Galerias passa a receber o público que aos poucos lhe dará um novo perfil, o de centro musical, eram os freqüentadores da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Esta Igreja foi criada em 1711, pois havia restrições para que negros freqüentassem as igrejas dos brancos. Embora os negros tenham sido convertidos ao catolicismo, a construção no Centro da cidade pode ser considerada um dos símbolos de resistência da cultura negra no Estado, existente há 300 anos como um dos principais movimentos de consciência negra.

² FRUGOLI Jr. Heitor. São Paulo: Espaços Públicos e interações sociais. São Paulo .Marco Zero 1995

Eram pessoas muito ligadas aos movimentos negros americanos, ao Soul music, com seus cabelos “Black Power”, que chamavam a Galeria de “Galeria 24 de maio” e freqüentavam os salões em busca dos bailes de samba Rock, principalmente no clube Palmeiras. Podes se dizer que foi o início da cultura hip hop no Brasil, que viria a imprimir um novo ambiente a galeria.

Na época havia várias lojas do ramo de fotos, além de dezenas de alfaiates, camiseiros e costureiras. Em 1976, montou-se a primeira loja de discos no local – a Wop Bop e no ano seguinte a Grilo Falante. Na verdade, o embrião da galeria como a conhecemos hoje começou em 1978, com a abertura da loja de discos “Baratos Afins” (até hoje na ativa) do produtor Luiz Calanca, que vendia todo o tipo de música, desde MPB e jazz, até rock e outros gêneros e passou a atrair legiões de fãs de música pesada, a partir daí lojas de vinil e fitas K7 foram aos poucos substituindo o antigo comércio instalado na galeria.

1.2 – Os anos 80, momentos difíceis.

No início dos anos 80, os punks chegaram ao local trazendo uma cultura ainda mal vista pela sociedade da época. A loja Olho Seco era uma referência na cena musical punk e despertou a atenção do público que gostava desse tipo de música. Como a galeria, apesar de tudo, também sofrera baixas devido ao esvaziamento do Centro e os punks não eram vistos com bons olhos pela sociedade, foi o casamento perfeito. O Movimento Punk, surgido na periferia da capital paulista em meados da década de 70, se radicaliza cada vez mais na postura, nas roupas e nas letras das músicas através das quais passava a retratar a situação de inquietude e incertezas em que os jovens paulistanos viviam pela falta de empregos, em 1982 era de 1,5 milhões o número de desempregados na cidade de São Paulo segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), por conta da repressão policial da ROTA³ e pela própria

³ (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, mais conhecidas pelo seu acrônimo ROTA, é uma modalidade de policiamento do 1º Batalhão de Policiamento de Choque do Estado de São Paulo, ficou conhecida por sua violência, de 79 a 82, chegaram a matar quase 300 pessoas por ano) c.f BARCELLOS. Caco. A história da polícia que mata. Rio de Janeiro: Record, 2003.

situação política, econômica e social que o país passava, refletindo principalmente na principal cidade do Brasil. E o público no Grandes Galerias só aumentou. Vieram também góticos e skinheads. A administração na época não estava preparada para essas mudanças, e passou a culpar os roqueiros pelas brigas e uso de drogas que se espalharam pela galeria. Realmente, em meados dos anos 80 o prédio estava totalmente abandonado, pessoas fumavam maconha, cheiravam cocaína livremente nos corredores, há relatos de grupos de Punks que iam ao local só para se enfrentar. Depois que a loja Olho Seco fechou, e seu dono Fabio, que também era vocalista da Banda de Punk Rock Olho Seco, foi praticamente expulso do local, não se permitiu mais locar novos espaços para lojas de música por longos anos. Sobre esse período, Antonio Souza Neto, zelador e presidente da associação de lojistas relata:

O antigo administrador passou então a culpar os roqueiros pelas brigas e uso de drogas pelos corredores. Já estávamos em meados da década de 80, mas o Mundo do Rock ainda era visto com preconceito arraigado. Como exemplo, o próprio Fábio (da loja Olho Seco), não concede entrevistas para a Rede Globo até hoje, por causa de uma cobertura tendenciosa de um evento ocorrido no Parque da Aclimação, em que a emissora alegou que a violência era devida ao “rock decadente da época atual”. Era uma cultura totalmente mal vista pela nossa sociedade⁴.

⁴ NETO. Antonio Souza. Breve relato do presidente do instituto Galeria do Rock. São Paulo. 2009 em matéria ao site “Galeria do Rock. Org” disponível em: <http://www.galeriadorock.org.br/site/index.php?option=com> acesso em 05, setembro, 2010.

1.3 - Os anos 90 e a retomada.

A Galeria entra nos anos 90 totalmente decadente, nessa época a galeria apresentou um dos menores números de lojas em funcionamento: apenas oitenta das 450 lojas estavam com as portas abertas

A retomada veio em 1991, quando um grupo de lojistas formou uma associação para retirar a antiga administração e também para dar uma nova roupagem ao local.

A idéia da reconstrução da imagem do edifício começou a ser divulgada com notas na mídia especializada, mas o termo “Galeria do Rock” foi citado pela primeira vez em uma matéria da Veja São Paulo em junho de 1994.

Encabeçando a associação estava Antonio Souza Neto, mais conhecido como “Toninho da Galeria”, atual presidente do Instituto Cultural Galeria do Rock e da Ação Local Paissandú, fotógrafo, jornalista e sociólogo, que tomou a missão de remodelar e resgatar o prestígio do lugar. Em entrevista, Toninho diz: *“Após muita luta, pois havia ainda resquícios do Regime Militar, fomos vítimas até de procedimentos linha dura, mas mesmo assim em 1993 assumimos o Poder da Galeria 24 de maio”*⁵.

Com ele trouxe a visão da juventude que tinha sofrido com a ditadura militar e entendia esse movimento e conseguiu organizar e desvincular a imagem do rock das brigas e drogas.

Além disso, foi estimulado que funcionários e ex-funcionários de lojas abrissem seu próprio empreendimento na galeria, com o objetivo de criar novas lojas e fortalecer o segmento de rock. Em 1993, dos 450 espaços apenas 80 estavam ocupados, já em 1995 eram quase 200, a maior parte dos espaços ocupada com artigos de rock. Mas o sucesso foi tão grande que acabou atraindo outras tribos, como a do hip hop (tão presente em seus primórdios) e do skate.

⁵ NETO. Antonio Souza. Breve relato do presidente do instituto Galeria do Rock. São Paulo. 2009 em matéria ao site “Galeria do Rock. Org” disponível em: <http://www.galeriadorock.org.br/site/index.php?option=com> acesso em 05, setembro, 2010

2 – A GALERIA HOJE E SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL.

Hoje a galeria conta com 450 lojas e aproximadamente duzentas comercializam produtos relacionados ao mundo do rock. Além de vender CDs, discos, vídeos, camisetas e pôsteres, alguns estabelecimentos são estúdios de tatuagem e piercings. Ultimamente um novo fenômeno cultural e comercial ameaçou a estabilidade da galeria, a crise da indústria fonográfica, afinal, com o advento do mp3 e da música on-line, quem iria continuar buscando gravações raras?

Há dez anos o numero de lojas de CDs e Vinis era de mais de 130, atingindo a marca de maior ponto de vendas de artigos fonográficos da América Latina, hoje, esse numero caiu para 45.

A debandada das lojas de discos poderia descaracterizar o apelido. Não descaracterizou pela política da associação de lojistas, que só libera espaço para o comércio de etnia roqueira, como marcas de roupa jovem, tênis, estúdios de tatuagem e piercing, lojas de silk-screen, miniaturas e memorabilia em geral e tabacarias. Os números mostram os resultados. Existem hoje 145 lojas que vendem roupas e/ou acessórios para jovens.

Em reportagem para o site da Secretaria de Cultura de São Paulo, o jornalista Thiago Ney pondera: *“O que mais surpreende são os estúdios de tatuagem/piercing. Em 2000, havia seis; agora, são 22, se antes abrigava a maior concentração de lojas de vinis e de CDs da América Latina, hoje esse superlativo vale também para esses estúdios”*.⁶

Essa é a nova Galeria do Rock, que além de Galeria do Rock se transformou em instituto cultural, promovendo oficinas, exposições e desfiles de moda.

⁶ NEY. Thiago. Crise do CD muda a Galeria do Rock. São Paulo. 2009. em matéria ao site da secretaria de cultura do Estado de São Paulo, disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/imprensa/index.php?p=702> acesso em 05, outubro ,2010

A Galeria também recebe verba do PROAC (Programa de Ação Cultural), para a realização do dia mundial do rock, que acontece em 13 de julho de cada ano. Um dos planos da administração é construir no quinto andar um Museu do Rock, com estátuas de cera de roqueiros nacionais e objetos que fizeram a História do Rock, esse projeto está orçado em 1,5 milhões de reais e já tem interesse de patrocínio da PETROBRAS.

2.1 - O que é ser “contra cultura” hoje.

Os conceitos de contra cultura nasceram entre os anos 50 e 60 nos Estados Unidos. Após a saída deste país da Segunda Guerra Mundial, pelo surgimento de uma nova geração que viveria todo o conforto de um país que se enriqueceu rapidamente. Contudo, ao contrário do que se podia esperar, essa geração desempenhou o papel de apontar os limites e problemas gerados pela sociedade capitalista.

Rejeitando o elogio cego à nação, o trabalho e a rápida ascensão social, esses jovens buscaram um refúgio contra as instituições e valores que defendiam o consumismo e o cumprimento das obrigações. A partir daí foi dado o aparecimento do movimento Hippie, que incitou milhares de jovens a cultuarem o amor livre, o desprendimento às convenções e o desenvolvimento de todo um mundo que fosse alternativo ao que fosse oferecido pelo sempre tão criticado “sistema”.

O movimento Punk também é forte exemplo da contra cultura, Punk rock é um movimento musical e cultural que surgiu em meados da década de 1970, que tem como principais características músicas simples (que geralmente não passam de três ou quatro acordes), rápidas e agressivas, temas que abordam idéias anarquistas, niilistas e revolucionárias

Hoje podemos definir contra cultura, como as manifestações que vão contra os valores vigentes de uma época.

O Historiador Rainer Souza define:

Em muitos estudos, alguns pesquisadores tiveram a intenção de mostrar como determinadas ideologias ganham alcance na sociedade e, a partir de sua propagação, passam a sedimentar um costume compreendido como natural. Apesar da relevância incontestável desse tipo de trabalho, outros importantes pensadores da cultura estabeleceram um questionamento sobre essa idéia de “cultura dominante” ao mostrarem outra possibilidade de resposta para o tema.

Partindo para o campo das práticas culturais, também podemos notar que o desenvolvimento de costumes vão justamente contra os pressupostos comungados pela maioria. Foi nesse momento em que passou a se trabalhar com o conceito de “contracultura”, definidor de todas as práticas e manifestações que visam criticar, debater e questionar tudo aquilo que é visto como vigente em um determinado contexto sócio-histórico.⁷

Se nos anos 60 e 70 a contra cultura tinha seus maiores representantes nos Hippies, passando pelos cabelos desgrenhados e roupas de couro do Punk do começo dos anos 80 e as roupas xadrez do Grunge dos anos 90, hoje é o Emo Core e suas vertentes que dominam essa área.

O Emo Core nasceu nos Estados Unidos, em Washington D.C nos idos dos anos 80, no começo era apenas um tipo de Hard Core (estilo de rock com melodias pesadas) com guitarras melódicas, letras profundas e pessoais.

O movimento Emo que conhecemos hoje tomou força no Brasil e principalmente em São Paulo no começo dos anos 2000. Em matéria do jornal O ESTADO DE SÃO PAULO de 3 de maio de 2006 eram definidos assim:

Eles usam franja caída no rosto, cinto de rebite e munhequeiras. Mas repare bem: o colar é de dadinhos, os meninos preferem camisetas ajustadas ao corpo, alguns até na cor rosa; as meninas misturam delicados lacinhos no cabelo com ousadas meias do tipo arrastão. Eles são emos.

Essa tribo se autodefine como um grupo de adolescentes sensíveis, carinhosos, sem preconceito, que curtem o emocore, uma vertente do punk com som pesado mas com letras românticas. Mas o visual peculiar é o que mais chama atenção nesta moçada, que está na faixa dos 14 aos 20 anos.⁸

⁷ SOUZA. Rainer. Contra Cultura. Goiás 2010 em matéria ao site Mundo Educação, disponível em <http://www.mundoeducacao.com.br/sociologia/contracultura.htm>, acesso em 1, novembro, 2010.

⁸ O ESTADO DE SÃO PAULO ON Line . Emos, a tribo que nasceu do Punk romântico. São Paulo. 2006, disponível em <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2006/not20060503p27065.htm>, acesso em 1, novembro, 2010.

A esse perfil a partir de 2009 se somaram calças coloridas e tênis grandes e berrantes, propagados por bandas nacionais como Restart e Cine. São chamados nos corredores da Galeria como “Happy n’ Roll” ou simplesmente “Coloridos”, e hoje são seus maiores freqüentadores e consumidores. Em cada loja de roupas e acessórios que se entra, destacam-se calças e blusas coloridas contrastando com as tradicionais camisetas pretas de bandas de Rock. São bem acolhidos, pois com a debandada das lojas de CD e Vinis, são eles e sua procura por roupas e acessórios que mantém a economia da Galeria aquecida.

2.2 O porquê da boa vizinhança na Galeria.

Se o personagem Rob Flenning, o quarentão roqueiro dono de uma loja de discos nos subúrbios de Londres, visto no livro *Alta Fidelidade*, do inglês Nick Hornby, morasse no Brasil, com certeza teria sua loja na Galeria do Rock. O perfil da maioria dos donos de lojas é esse: em torno de quarenta a cinqüenta anos, oriundos do rock dos anos 70 e 80.

Talvez por essa experiência em movimentos musicais, suas lojas aceitem bem a pluralidade de estilos em seus corredores, a respeito disso podemos citar o Geógrafo Jose Eliomar dos Santos que em sua dissertação “Ratzel e o Rock Brasil dos anos 80” diz:

Mesmo acontecendo de o Movimento Punk ter sido extirpado em meados de 83 pela polícia, pela imprensa, pelos ultra-radicais do movimento e por medalhões da MPB (Como Gilberto Gil que lança em 1983 o disco *Extra* que contava com a música “Punk da Periferia”, que estereotipava e enfatizava ainda mais o preconceito com o Movimento Punk) fez com que seus ideais, sua filosofia e poesia fossem absorvidas por muitos jovens da classe média paulistana que almejavam ter uma banda e mudar a cara da música brasileira.⁹

É desse movimento que vem a maioria dos indivíduos que fazem hoje a galeria, como Marcone Vinicius Moraes Souza, dono da loja GRock há 18 anos, e atualizador

⁹ SANTOS. José Eliomar dos. *Ratzel e o Rock Brasil dos anos 80*. Salvador. 2004. Dissertação (Licenciando do curso de Geografia da Universidade Católica de Salvador) disponível em <http://www.portaldogeografo.hpg.ig.com.br/artigos/rock.htm#>, acesso em 19, abril, 2010.

da página da Galeria na internet. Segundo ele, a Galeria é um lugar de todas as tribos porque “*aceita as diferenças*”.¹⁰

Já Paulo Ramos, dono da loja Converse All Star, declara: “Para mim, o melhor foi que agora não existe mais aquele clima de insegurança aqui. E isso faz toda a diferença.”¹¹

A Universitária Carla Chuler, 29 anos, é freqüentadora assídua da Galeria há vários anos, “*nem me lembro a primeira vez que vim*”, declara. A Jovem, que diz não pertencer a nenhuma “tribo urbana” definida, tem uma visão mais cética, para ela a harmonia na Galeria vem de a diversidade de artigos ali encontrados serem raros, “*quem se arrisca a arrumar briga aqui, ser expulso e nunca mais achar seu CD raro, sua camiseta de banda que ninguém mais tem?*”¹² ironiza.

É o próprio Toninho da Galeria que dá o parecer final:

Hoje a Galeria do Rock é o encontro de todas as tribos, sem discriminação e preconceito, o lugar recebe todas as vertentes da música, uma vez eu presenciei um punk e um skinhead conversando e tomando uma cerveja como dois amigos, fiquei surpreso diante daquela cena, também já vi jornalista da Folha de São Paulo também tomando cerveja com uma banda de punk. Isso só prova que a galeria é uma nação, temos nossas próprias regras, diversidade cultural, não temos preconceitos, abraçamos todas as vertentes do rock.¹³

¹⁰ SOUZA, Marcone Vinicius Moraes. Entrevista concedida a Otavio A.F. Biserra. Galeria do Rock. São Paulo 11, setembro, 2010.

¹¹ RAMOS, Paulo. Entrevista concedida a Otavio A.F. Biserra. Galeria do Rock. São Paulo 11, setembro, 2010.

¹² CHULER, Carla. Entrevista concedida a Otavio A.F. Biserra. Galeria do Rock. São Paulo 11, setembro, 2010.

¹³ NETO. Antonio Souza. Breve relato do presidente do instituto Galeria do Rock. São Paulo. 2009 em matéria ao site “Galeria do Rock. Org” disponível em: <http://www.galeriadorock.org.br/site/index.php?option=com> acesso em 05, setembro, 2010.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa acredito que tive respostas para minhas perguntas. A História da galeria foi cheia de mudanças e superações tal qual a da cidade que se transmutou em sua frente. Essas mudanças, por sua vez, influenciaram seus freqüentadores e mantenedores.

Como a Galeria é um lugar que agregou diferentes tribos urbanas em toda sua História, a tolerância acabou sendo marcada na maioria dos indivíduos que hoje a mantém, afinal eles próprios foram vítimas da intolerância da sociedade, e é esse ponto de vista aberto que pregam em seus estabelecimentos.

Claro que nem tudo é idealismo, principalmente no mundo capitalista em que vivemos, a verdade é que sem aceitar as diferentes vertentes contra culturais existentes hoje em São Paulo, a Galeria estaria fadada ao fracasso.

Sendo assim, se o dono da loja de camisetas de banda não quiser vender roupas do movimento Emo em sua loja, a loja do lado o fará, e conseqüentemente venderá mais, por outro lado, se ficar só nessa vertente vai perder seus clientes antigos.

É uma questão de necessidade, do mesmo modo com os freqüentadores, se eles afugentarem quem não é do seu movimento, irão acabar ficando sem o lugar também. É uma eterna mudança, e a cada tribo urbana que surge, acaba se somando as demais em seus corredores. Acho que o melhor termo para definir a Galeria seria “Simbiose Cultural”, todas as vertentes precisam da colaboração da outra. Vendo por esse ângulo, a Galeria do Rock é uma grande experiência social.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de Luta: O Rock e o Brasil dos anos 80**. São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2002.

BARCELLOS Caco. **Rota 66 – A história da polícia que mata**. Rio de Janeiro: Record, 2003

DAROS, Marília. **Galeria do Rock: Adesão para preservação histórica de São Paulo**. Rio Grande do Sul. 2010. Em matéria ao site "Gramado Site" disponível em <http://gramadosite.com.br/cultura/historia/mariliadaros/id:24995>, acesso em 10, maio, 2010

FRUGOLI Jr. Heitor. **São Paulo: Espaços Públicos e interações sociais**. São Paulo: Marco Zero, 1995

NETO. Antonio Souza. **Breve relato do presidente do instituto Galeria do Rock**. São Paulo. 2009. em matéria ao site "Galeria do Rock. Org" disponível em: <http://www.galeriadorock.org.br/site/index.php?option=com> acesso em 05, setembro, 2010.

O ESTADO DE SÃO PAULO ON Line. **Emos, a tribo que nasceu do Punk romântico**. São Paulo. 2006, disponível em <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2006/not20060503p27065.htm>; acesso em 1, novembro, 2010.

SANTOS. José Eliomar dos. **Ratzel e o Rock Brasil dos anos 80**. Salvador. 2004. Dissertação (Licenciando do curso de Geografia da Universidade Católica de Salvador) disponível em <http://www.portaldogeografo.hpg.ig.com.br/artigos/rock.htm#> , acesso em 19, abril, 2010.

SOARES, Thiago. **A hora e a vez da Galeria do Rock**. São Paulo. 2010. Em matéria ao site “Viva o centro”, disponível em <http://vivaocentro.org.br/hp.htm>, acesso em 01, abril, 2010.

Entrevistas realizadas

CHULER, Carla. Entrevista concedida a Otavio A.F. Biserra. Galeria do Rock. São Paulo 11, setembro, 2010

RAMOS, Paulo. Entrevista concedida a Otavio A.F. Biserra. Galeria do Rock. São Paulo 11, setembro, 2010.

SOUZA, Marcone Vinicius Moraes. Entrevista concedida a Otavio A.F. Biserra. Galeria do Rock. São Paulo 11, setembro, 2010.